

METODOLOGIAS DE PESQUISA E PROCEDIMENTOS TÉCNICOS: CONSIDERAÇÕES PARA O USO EM PROJETOS DE PESQUISA EM GEOGRAFIA



CLIMEP – Climatologia e Estudos da Paisagem, Rio Claro, SP, Brasil – eISSN: 1980-654X – está licenciada sob [Licença Creative Commons](#)

Fadel David Antonio Filho [1]
Maria Dalva de Souza Dezan [2]

INTRODUÇÃO

Ao longo da história, a realidade já foi interpretada a partir de inúmeros parâmetros. Na antiguidade e nas sociedades primitivas, a realidade certamente era explicada através de mitos. Como explica Magee (1974, p. 64), biógrafo do filósofo alemão Karl Popper:

As primeiras descrições do mundo parecem ter sido animistas, mágicas, cheias de elementos vindos da superstição. Pôr em dúvida essas descrições ou qualquer outro fator que assegurava a coesão da tribo era tabu – e podia acarretar a morte dos dissidentes.

Assim, se sob nossa visão moderna a explicação mítica da realidade é considerada inconsistente, para aquelas sociedades e grupos humanos tratava-se de uma explicação objetiva da realidade.

Num momento posterior, o parâmetro mítico foi superado por uma visão teleológica, vinculada fortemente às crenças religiosas, que embutia a ideia de finalidade das coisas do mundo e da realidade (DEMO, 1985). Esta forma de interpretar a realidade e o mundo era, e ainda é, aceita por muitos como algo “revelado”, implicando a conotação de “sagrado”, como uma verdade que se encontra acima da capacidade de entendimento das pessoas e está estabelecida em ideias, valores imutáveis e certezas incontestáveis. Nesse sentido, Antonio

Filho (1999, p. 61) escreve que: “ [...] A interpretação do mundo, desta forma, embasada em concepções *a priori*, dispensa ou mesmo não admite contestações, juízo crítico, especulações, incertezas ou necessidade de comprovação.”

Numa fase seguinte do processo histórico, o movimento conhecido como Iluminismo (movimento intelectual que caracterizou o pensamento europeu do século XVIII, particularmente na França, Inglaterra e Alemanha, baseado na ideia do poder da razão para solucionar os problemas sociais) introduziu uma nova forma de ver e entender a realidade e o mundo.

Como explica ainda Antonio Filho (1999, p. 62):

Por fim, a visão do mundo estabelecida pelo conhecimento científico. Trata-se de um processo mental *a posteriori*, que tem por base a observação detalhada dos fenômenos, a teorização de ‘modelos’ ou conjeturas (hipóteses), a experimentação e a confirmação ou não das hipóteses, no intento de entender as leis da natureza. Essas leis não são prescritivas, mas descritivas, daí não caracterizarem comandos que devam ser ‘obedecidos’ ou ‘seguidos’ e que não podem ser ‘violados’, mas asserções explicativas de caráter geral, factuais e que, em razão disso, devem ser modificadas ou abandonadas, na medida em que se verifiquem serem inadequadas.

A leitura do mundo através do conhecimento científico requer o uso pleno da razão e da elaboração dedutiva ou indutiva do processo mental. Neste caso, o raciocínio é dirigido e instigada a curiosidade, a admiração, ao estabelecimento de relações, de comparações, selecionamentos etc.

Sagan (2002), ao explicar o que é ciência, diz que é mais do que um corpo de conhecimento, é um modo de pensar. E vai mais longe ao afirmar que a ciência está longe de ser um instrumento perfeito de conhecimento, mas ainda é o melhor que temos.

Enquanto a ciência se propõe a captar e manipular a realidade assim como ela é, a metodologia se preocupa em como concretizar isso (DEMO, 1985). Neste sentido:

Metodologia é uma preocupação instrumental. Trata das formas de se fazer ciência. Cuida dos procedimentos, das ferramentas, dos caminhos. A finalidade da ciência é tratar a realidade teórica e praticamente. Para

atingirmos tal finalidade, colocam-se vários caminhos. Disto trata a metodologia. (DEMO, 1985, p. 19).

Entendemos, assim, que a metodologia é um arcabouço mental embasado nos paradigmas vigentes, mas também na visão do mundo dominante, portanto, calcada na ideologia igualmente dominante.

Nas ciências sociais, as possibilidades metodológicas são inúmeras. Desde o empirismo (que busca a cientificidade na observação e no trato experimental dos fenômenos); o positivismo (na verdade, positivismos, devido a várias versões calcadas em Comte, as quais aceitam a neutralidade científica como uma das opções possíveis: a dele próprio, com um cunho religioso; o positivismo lógico; o positivismo de Popper e Albert); o estruturalismo (baseado na ideia da ordem interna das coisas); o funcionalismo (que enxerga o consensual na realidade social); o sistemismo (embasado na teoria dos sistemas e com a sobrevivência dos sistemas e a ideia do conflito); a dialética (que vê a história como um processo, não somente como o fluxo das coisas, mas também a origem explicativa principal).

Sobre esta última teoria, a dialética, Demo (1985, p. 67) escreve que:

[...] imaginamos coerente propor para as ciências sociais uma metodologia própria, denominada dialética, que não busca diferença absoluta para com outras metodologias mais próprias das ciências exatas e naturais; ao contrário, convive com elas, delas aprende, mas não abdica de especificidades próprias.

Compreendendo que a realidade é suficientemente contraditória e considerando que o comportamento humano expressa sempre uma tentativa de responder, de modo significativo, a cada situação particular com que se depara, na busca de encontrar certo equilíbrio entre o sujeito da ação e o meio no qual ela se efetiva, fica óbvio que esse equilíbrio sempre apresenta um caráter transitório e falível. É essa dinâmica que existe no processo de interação entre o comportamento humano e o mundo, a qual os caracteriza como agentes transformadores e agentes transformados. O equilíbrio alcançado pode ser mais ou menos satisfatório entre as estruturas mentais do sujeito e o mundo que o

envolve. Esse equilíbrio, porém, torna-se insuficiente, na medida em que ocorrem transformações e novas situações se apresentam, exigindo novas respostas significativas, gerando a necessidade de um novo equilíbrio a ser alcançado que, entretanto, mais cedo ou mais tarde será também superado.

Compreende-se, desta forma, que as realidades humanas apresentam-se, sempre, num constante processo de desestruturação das antigas estruturas e de estruturação de novas realidades, de tal maneira que venham a responder satisfatoriamente às novas exigências dos grupos sociais envolvidos.

Sob essa perspectiva, os procedimentos metodológicos visam analisar e avaliar os fatos humanos e os fenômenos que ocorrem no mundo real, sejam eles econômicos, políticos, sociais, culturais e mesmo os de conotação natural, originados da ação humana, de modo a compreender os processos geradores e buscar esclarecer tanto os equilíbrios desfeitos como os que tendem a ser criados.

Neste sentido, ao entendermos que toda metodologia traz consubstanciada uma concepção de realidade, a dialética também traz consubstanciada uma concepção dialética da realidade. Seu pressuposto fundamental é de que toda formação social é suficientemente conflituosa, portanto, contraditória, sendo historicamente superável. O diferencial da visão dialética é que ela capta as estruturas da dinâmica social. (DEMO,1985).

Contudo, a dialética não explica tudo e é necessário ter sempre em mente que, muitas vezes, outras abordagens metodológicas, para certas especificidades, nos trazem maior clareza.

Considerando que a atividade básica da Ciência é a pesquisa, através da qual descobrimos a realidade (DEMO, 1985), e sendo a realidade social complexa, os esquemas explicativos nunca irão esgotar a realidade. Neste sentido, justifica-se a possibilidade de lançarmos mão de outras metodologias, em

certas circunstâncias da pesquisa, quando uma abordagem diferente possibilita melhor explicação do fenômeno social.

Neste sentido, também entendemos que a pesquisa científica é orientada não somente por teorias tradicionais, mas por alguma coisa mais ampla e abrangente: o paradigma, que é o conjunto de leis, conceitos, modelos, valores, analogias, regras, princípios (metafísicos, inclusive) e que tem uma grande semelhança com o que denominamos “visão do mundo” (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998).

Para compararmos, tomemos aqui a explicação de Goldmann (1979, p. 19) sobre a “visão do mundo”: “[...] é precisamente esse conjunto de aspirações, de sentimentos e de idéias que reúne os membros de um grupo (mais frequentemente de uma classe social) e os opõem aos outros grupos.”

Quanto às técnicas de pesquisa, que correspondem à ampla gama de procedimentos que traduzem na prática as linhas ou os caminhos metodológicos adotados, podemos elencar as seguintes: levantamento e revisão bibliográfica de material publicado, relacionado com a pesquisa; trabalho de campo, importantíssimo, em especial para o geógrafo, com vistas à documentação fotográfica, cartográfica e levantamentos dos aspectos sociais, culturais, econômicos e naturais da área estudada; aplicação de questionários, de forma a obter informações as mais diversas sobre o objeto de pesquisa; montagem de modelos matemáticos, para aferir as informações obtidas em campo ou no laboratório; produção de cartas, mapas ou plantas da área estudada; confecção de tabelas/gráficos os mais diversas sobre as informações quantificáveis obtidas; exames laboratoriais de material colhido em campo (amostras de solo, por exemplo), e outros procedimentos técnicos pertinentes que venham enriquecer a pesquisa.

METODOLOGIA ESPECÍFICA PARA TRABALHOS DE GEOGRAFIA

No caso da Geografia, as metodologias dos trabalhos de pesquisa estão vinculadas às correntes de pensamento geográfico, que usualmente os pesquisadores adotam como norte. Às vezes, nem mesmo o próprio pesquisador tem plena consciência disso. Não raro, nas leituras de projetos de pesquisas não encontramos, de modo claro, a especificação da metodologia a ser empregada. E isso, usualmente, é reproduzido nos projetos de pesquisa dos orientandos desses mestres. Comumente se confundem "procedimentos técnicos" com a metodologia.

As várias correntes de pensamento nas quais se embasam as metodologias são: O Empirismo, o Positivismo, o Estruturalismo, o Sistemismo, o Psicologismo ou a Fenomenologia, e a Dialética.

O EMPIRISMO

O Empirismo tem como objetivo a realidade visível, o constatável, o observável, o mensurável. Busca o desenvolvimento do conhecimento e a formulação de teorias. Os produtos e processos da ciência são vistos como sistemas independentes das relações sociais. Os valores do pesquisador não interferem no processo de pesquisa.

As bases teóricas do empirismo são o organicismo, o evolucionismo e o determinismo ambiental. Com isso, entende-se que os mecanismos e fenômenos sociais são similares aos organismos vivos, portanto, a abordagem metodológica tem grande influência da biologia.

Através da indução (das constatações particulares chega-se às formulações gerais) ou da dedução (das constatações gerais chega-se às formulações particulares), procura-se a objetividade e neutralidade na pesquisa. Sujeito e objeto são elementos independentes do processo de pesquisa e os critérios metodológicos definem os problemas que podem ou não serem pesquisados.

Os procedimentos técnicos no Empirismo baseiam-se na observação, nos testes experimentais, na mensuração quantitativa e os fenômenos complexos precisam ser decompostos em aspectos testáveis.

A palavra-chave no empirismo é observação. As correntes do pensamento geográfico que mais se afinam com o empirismo são: a Tradicional, o Possibilismo/Funcionalismo e a Antropogeografia.

Os expoentes da Geografia relacionados a essa metodologia são: Alexandre von Humboldt, Carl Ritter, Vidal de La Blache, Pierre Defontaines e Pierre Monbeig, William Morris Davis, F. Ratzel.

O POSITIVISMO

Da mesma base do empirismo, o Positivismo busca o visível, o constatável, o observável, o mensurável. Considera mais as formas da realidade que os seus conteúdos.

As bases teóricas do Positivismo também são o organicismo e o evolucionismo. Emprega a lógica matemática e busca a unicidade do método científico na objetividade e neutralidade na pesquisa. Como o empirismo, lança a mão da indução e da dedução.

Nos procedimentos técnicos, também tem como base a observação empírica, o teste experimental, a mensuração quantitativa dos fenômenos e o uso de instrumentalização (significando um 'avanço' frente ao empirismo).

As palavras-chave na metodologia positivista são: experimentação, mensuração, classificação, estágio/fase, etapa/estágio, gênero de vida, ordem, progresso.

As correntes do pensamento geográfico que mais se afinam com o Positivismo são: a Tradicional, o Possibilismo/Funcionalismo, a Antropogeografia.

Os expoentes da Geografia relacionados a essa metodologia são: Alexandre von Humboldt, Carl Ritter, Vidal de La Blache, Pierre Defontaines e Pierre Monbeig, Richard Hartshorne, P. George, A. Cholley.

Na verdade, devemos considerar “Positivismos”, na medida em que esta corrente apresenta inúmeras versões. O Empirismo também pode ser considerado um positivismo.

O ESTRUTURALISMO

Para esta metodologia, a realidade apresenta-se estruturada, isto é, existem ‘estruturas repetitivas’. Não existe sentido histórico da realidade. A realidade é vista como um fluxo contínuo, uma sucessão de coisas. Portanto, busca-se sempre o consenso e a harmonia. A ordem interna subjacente é simples e invariável.

As bases teóricas do Estruturalismo correspondem à abordagem histórico-estrutural, à decomposição analítica (e não à síntese), à objetividade. O fenômeno global é simplificável em modelos estruturais – a subjacência interna do fenômeno é imutável, enquanto a sua superfície é mutável. Portanto, para melhor entendimento do fenômeno é fundamental decompô-lo em suas partes. A decomposição do fenômeno demonstrará que a complexidade é apenas superficial. Na sua essência, sua estrutura é simples, imutável e, por isso, recorrente.

Os procedimentos técnicos do Estruturalismo são a decomposição analítica (desmontar o fenômeno estudado em suas partes), o entendimento de que todo fenômeno é complexo na superfície e simples e imutável em profundidade. Isto significa que a superfície do fenômeno é variável. Nesta perspectiva, todo

fenômeno é simplificável em modelos estruturais (ordem interna), invariantes, e não há distinção entre o fenômeno humano e o natural.

As palavras-chave são: fluxo histórico, inconsciente coletivo, organização social, análise, manifestações culturais. As correntes do pensamento geográfico que mais se afinam com o Estruturalismo são: a Geografia Humanística e a Geografia Cultural.

Os expoentes da Geografia relacionados com essa metodologia são R. Hartshorne, R. Lobato Correa (no Brasil).

Quando a abordagem metodológica Estruturalista não apresenta uma vertente crítica, podemos entender que se trata de uma visão neopositivista.

SISTEMISMO

A abordagem sistêmica entende a realidade como um fenômeno organizacional. Como um sistema que apresenta partes concatenadas, busca sempre a harmonia.

Tem como base teórica o raciocínio lógico-abstrato, a análise geométrica dos dados espaciais, a teoria dos sistemas, a concepção funcionalista (a ideia de “funções”).

No Sistemismo, a concepção de conflito se restringe à ordem interna dos fenômenos estudados, porém, contornáveis e controláveis. Quando ocorrem conflitos com outros sistemas, também são passíveis de controle. Entretanto, não há superação ou antagonismo, as mudanças que podem ocorrer se processam dentro do sistema, mas sem superação. Por isso, o objetivo é sempre a manutenção do sistema.

A metodologia sistêmica tem muito do Funcionalismo, mas avança com relação a ele. Podemos entender o Sistemismo como um neofuncionalismo, o que vem significar que também é um neopositivismo.

O Sistemismo foca a Lógica do Poder e para tal utiliza-se da instrumentação informatizada. Entende que os meios superam os fins e busca com tudo isso a unicidade da ciência. Prega a neutralidade do pesquisador com relação ao objeto ou fenômeno pesquisado.

Quanto aos procedimentos técnicos, a metodologia sistêmica está calcada na análise de sistemas, na busca dos componentes do sistema (movimentos, redes, nós, hierarquias, desvio-padrão etc.), e propõe a montagem de modelos matemáticos (atualmente, com o intenso uso dos meios computacionais).

As palavras-chave dessa metodologia são: retroalimentação, interação, adaptação/adequação, dinamismo sistêmico, persistência histórica, inter-relação, convivência ambiental, conflitos superáveis, manutenção do sistema, informática, controle de processos, aspectos relacional/organizacional.

As correntes do pensamento geográfico que mais se afinam com o Sistemismo são: a Geografia Quantitativa/Sistêmica, a Geografia Teorética, a Geografia Pragmática e a Geografia Modelística.

Os expoentes da Geografia relacionados com essa metodologia são: R. J. Chorley, P. Haggett, B. Sotchava, Brien Barry, W. Burge, Antonio Christofolletti.

PSICOLOGISMO/FENOMENOLOGIA

O objetivo dessa metodologia, com relação à realidade, é a busca do sensível ou do observável, que sensibiliza e cria valores/referências através dos fenômenos vivenciados ou experienciados.

Tem como base teórica as ciências cognitivas. Entende que o pesquisador tem de se manter neutro com relação ao objeto ou fenômeno pesquisado. Busca a sistematização e a idealização com relação ao objeto ou fenômeno pesquisado.

Os procedimentos técnicos estão relacionados com a linha behaviorista, dando ênfase ao subjetivismo e às percepções individuais.

As palavras-chave dessa metodologia são: percepção, sensível/sensibilidade, experienciar/experienciação, vivenciar.

As correntes do pensamento geográfico que mais se afinam com essa metodologia são: a Geografia da Percepção ou Fenomenológica, a Geografia Cultural, a Geografia Humanística e a Geografia Idealística.

Os expoentes da Geografia relacionados com essa metodologia são: Yi-Fu Tuan, David Lowenthal, Buttimer, Whytte, Ley, Samuels.

A metodologia fenomenológica ou psicologismo é considerada também um neopositivismo.

DIALÉTICA

Essa metodologia aceita a existência de infraestrutura e superestrutura sociais nas relações de produção e modo de produção dominante. Aceita a existência de classes sociais e o conflito/contradição entre elas, a transformação da sociedade e a emancipação dos indivíduos, e que os fenômenos só podem ser compreendidos quando vistos como totalidades.

Tem como base teórica a dialética, inclusive a dialética marxista, e isto inclui o materialismo histórico e o materialismo dialético. Busca a síntese da totalidade e, para tanto, a metodologia torna-se secundária no problema pesquisado.

Os procedimentos técnicos estão relacionados à abordagem dialética, que dá ênfase à transição/superação histórica. São fundamentais a caracterização do modo de produção dominante e as relações de produção que dado grupo social apresenta, num dado momento histórico. A caracterização da infraestrutura social e da superestrutura social é o que consubstancia a ideologia da classe social dominante. Os conflitos/contradições surgidos devem levar a uma superação histórica (hipótese-antítese-tese). Tudo isso permeia qualquer fenômeno ou objeto de estudo, pois estes estão inseridos na sociedade que se estuda. Não há neutralidade do pesquisador, mesmo no estudo de fenômenos pretéritos.

As palavras-chave dessa metodologia são: ideologia, classes sociais, relações de produção, modo de produção, superação histórica, meios de produção, processo histórico, visão do mundo, unidade dos contrários, desigualdade social, consciência histórica.

As correntes do pensamento geográfico que mais se afinam com essa metodologia são: a Geografia Radical, a Geografia Dialética, a Geografia Cultural Radical.

São expoentes da Geografia relacionados com essa metodologia: Yves Lacoste, M. Quaini, Milton Santos, David Harvey, P. Kropotkin, Élisée Reclus, P. Claval, P. George, J. Tricart.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metodologia é base fundamental para qualquer tipo de pesquisa. Todo projeto de pesquisa deve conter claramente a metodologia na qual está embasado. Não deve ser confundida com os procedimentos técnicos, que alguns autores costumam chamar de “método de aplicação”. Infelizmente isso é muito comum em projetos de pesquisa.

Por outro lado, mesmo inconscientemente, qualquer autor de projeto de pesquisa utiliza-se de uma metodologia, mesmo que ela se apresente confusa ao leitor. No nosso entender, não existe neutralidade possível na relação pesquisador/objeto-fenômeno pesquisado.

A metodologia norteia o desenvolvimento da pesquisa e expressa a postura do pesquisador, no sentido mais abrangente possível, pois que os valores, concepções, sentimentos, entendimentos, significados estarão subentendidos e perpassados pelo que for pesquisado, transcrito, idealizado, criado ou concebido. Daí a importância que tem de ser dada à metodologia escolhida para qualquer tipo de trabalho de pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998.

ANTONIO FILHO, F. D. As visões do mundo: formas de pensar a realidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO, 1., 1999, Rio Claro. **Anais...** Rio Claro: Universidade Estadual Paulista/IGCE, 1999, vol. 2, p.60-63.

DEMO, P. **Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo: Atlas, 1985.

GOLDMANN, L. **Dialética e cultura**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MAGEE, B. **As idéias de Popper**. São Paulo: Cultrix; São Paulo: EDUSP, 1974.

SAGAN, C. **O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

RESUMO

A importância da metodologia, nos projetos de pesquisa, está no fato de que não há neutralidade na relação entre o pesquisador e o objeto ou fenômeno a ser estudado. A escolha da metodologia perpassa pelos valores, sentimentos, concepções, visão do mundo do pesquisador e se traduz no direcionamento e qualidade intrínseca do material pesquisado. Em Geografia, em especial no nível superior, o docente tem de ter clara a

linha de pensamento, entre as várias existentes, a ser adotada em suas pesquisas, o que reverte numa atuação em sala de aula com mais coerência e profundidade. Este trabalho apresenta, didaticamente, as principais abordagens metodológicas usadas em trabalhos de pesquisa, a base teórica, os procedimentos técnicos, as palavras-chave e as correntes do pensamento geográfico afinadas com os principais expoentes da Geografia.

Palavras-chave: Metodologias. Correntes de Pensamento. Procedimentos Técnicos. Geografia. Visão do Mundo.

ABSTRACT

The importance of methodology in research projects, is in the fact that there is no neutrality in the relationship between the researcher and the object or phenomenon to be studied. The choice of methodology runs through the values, feelings, conceptions, world view of the researcher and it is reflected in the direction and intrinsic quality of the researched material. In geography, particularly in higher education, the teacher must have a clear line of thought, among the many existing, the one to be adopted in his research, which reverses in a performance in the classroom with more consistency and depth. This paper presents, didactically, the main methodological approaches used in research studies, the theoretical basis, the technical procedures, the keywords and the currents of geographic thought tuned with the main exponents of Geography.

Key words: Methodologies. Currents of Thought. Technical Procedures. World View. Geography.

Informações sobre os autores:

[1] Fadel David Antonio Filho – <http://lattes.cnpq.br/5103845392259879>

Professor Adjunto (Livre Docente), Departamento de Geografia, IGCE – UNESP, Rio Claro-SP.

Contato: fadeldaf@rc.unesp.br

[2] Maria Dalva de Souza Dezan – <http://lattes.cnpq.br/8338573269778271>

Doutoranda em Geografia, IGCE – UNESP, Rio Claro-SP; Professora Bolsista no Curso de Graduação de Geografia, IGCE – UNESP, Rio Claro-SP.

Contato: mdalvadezan@yahoo.com.br